DOI: http://doi.org/10.5281/zenodo.24405140

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Exploradores da Saúde: educação em saúde sobre o câncer infantil

Health explorers: pediatric cancer health education

Submetido em: 30/07/2026 | Aceito em: 13/11/2026 | Publicado em: 20/11/2026

Bruna Alves Fares[1], Beatriz Gomes Batistella[1], Bernardo Rodarte Castelar Brito[1], Bruna Maria Neves Coelho[1], Gabriela Carvalho Mendes[1], Gabriela Gomes de Freitas[1], Isabela Vilan Rocha[1], Marcelo Pastorini Jurgilas Mourão Coutinho[1], Matheus de Faria Fonseca[1], Yanna Bernardes Bezerra Souto[1], Pedro Alcântara Botelho Machado[1]

[1] Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG - Brasil
E-mail: brunafares06@gmail.com

Declaração de conflito de interesses: Não há conflito de interesses

RESUMO

Introdução: O tratamento oncológico na infância impõe desafios físicos e emocionais que comprometem o desenvolvimento infantil e a adesão terapêutica. A educação em saúde mediada pelo lúdico é uma estratégia essencial para desmistificar a doença, promover o protagonismo da criança e humanizar o cuidado. Objetivo: Relatar a experiência de estudantes de Medicina e Psicologia na condução de ações educativas sobre fisiopatologia do câncer, intervenções terapêuticas e autocuidado para crianças em tratamento oncológico e seus familiares na Fundação Sara, em Belo Horizonte. Relato da Experiência: O projeto "Exploradores da Saúde" foi desenvolvido no segundo semestre de 2025 por acadêmicos de Medicina e Psicologia em vinte encontros semanais estruturados em cinco eixos temáticos mensais: Missão Célula (introdução ao câncer), Missão Explorador Dourado (quimioterapia), Missão Rosa (câncer de mama e autocuidado feminino), Missão Azul (saúde do homem e câncer de próstata) e Missão Final – Heróis do Saber em Saúde (sistematização dos aprendizados). Utilizaram-se recursos recreativos como teatro de fantoches, jogos de tabuleiro, oficinas artísticas, rodas de conversa e dinâmicas de expressão emocional, traduzindo a complexidade oncológica para uma linguagem acessível ao público infantil. Considerações Finais: A abordagem lúdica mostrou-se eficaz na tradução de informações técnicas, ressignificando a experiência do adoecimento e favorecendo a adesão ao tratamento. Para os acadêmicos, a imersão na realidade da Fundação Sara aprimorou a comunicação empática e a visão integral do paciente. Conclui-se que o projeto cumpriu seu papel ao traduzir tecnicismos em linguagem acessível, promovendo o protagonismo infantil, o fortalecimento de vínculos afetivos e a humanização do cuidado.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Oncologia; Pediatria; Humanização da Assistência.

Licenciado sob a CCBY 4.0.

ABSTRACT

Introduction: Oncological treatment in childhood imposes physical and emotional challenges that compromise child development and therapeutic adherence. Health education mediated by playful strategies is an essential approach to demystify the disease, promote children's agency, and humanize care. Objective: To report the experience of medical and psychology students in conducting educational activities on cancer pathophysiology, therapeutic interventions, and self-care for children undergoing oncological treatment and their families at Fundação Sara, in Belo Horizonte. Experience Report: The project "Health Explorers" was developed in the second semester of 2025 by medical and psychology students through twenty weekly sessions organized into five monthly thematic axes: Cell Mission (cancer introduction), Golden Explorer Mission (chemotherapy), Pink Mission (breast cancer and female self-care), Blue Mission (men's health and prostate cancer), and Final Mission – Health Knowledge Heroes (learning consolidation). Recreational resources such as puppet theater, board games, art workshops, conversation circles, and emotional expression dynamics were used, translating oncological complexity into child-accessible language. Final Considerations: The playful approach proved effective in translating technical information, reframing the illness experience and favoring treatment adherence. For the students, immersion in Fundação Sara's reality enhanced empathic communication and holistic patient care. It is concluded that the project fulfilled its role by translating technical language into accessible terms, promoting children's agency, strengthening affective bonds, and humanizing care.

Keywords: Health Education; Oncology; Pediatrics; Humanization of Care.

INTRODUÇÃO

O câncer infantojuvenil, embora represente cerca de 3% de todos os casos oncológicos no Brasil, é a principal causa de morte por doença entre crianças e adolescentes de 1 a 19 anos, segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA). Para o triênio 2023–2025, foram registrados aproximadamente 7.930 novos casos anuais no país nessa faixa etária,[1] evidenciando a magnitude do problema e a necessidade de ações voltadas ao cuidado integral desses pacientes.

Apesar dos avanços nos métodos terapêuticos, observa-se que muitas crianças em tratamento oncológico apresentam dificuldades em compreender aspectos do processo de adoecimento e tratamento. Pesquisa realizada com crianças entre 6 e 12 anos submetidas à quimioterapia revelou que, embora algumas conhecessem o diagnóstico, existiam lacunas significativas no entendimento sobre o tratamento, gerando insegurança, ansiedade e dúvidas quanto à eficácia dos procedimentos médicos. Essas crianças frequentemente associam a quimioterapia a sensações negativas, como dor, cansaço e desconforto, recorrendo à distração e à evitação como estratégias de enfrentamento.[2]

A comunicação ineficaz no contexto do tratamento do câncer é fonte de angústia e insatisfação para pacientes e familiares, enquanto a comunicação hábil pode levar a melhores resultados de saúde, maior adesão e maior satisfação do paciente e da família com o cuidado.[3] Estudos demonstraram que pacientes e familiares frequentemente sentem que suas necessidades informacionais não são plenamente atendidas no contexto da oncologia pediátrica, reforçando a importância de iniciativas complementares ao cuidado clínico.[4,15]

Nesse contexto, a educação em saúde mediada pelo lúdico emerge como estratégia potente para desmistificar a doença e o tratamento, respeitando as limitações cognitivas e

emocionais próprias da infância. O brincar, enquanto linguagem universal da criança, possibilita a elaboração de experiências difíceis, o desenvolvimento de recursos emocionais e o fortalecimento do vínculo terapêutico.[5] Já a extensão universitária, ao integrar ensino, pesquisa e responsabilidade social, configura-se como espaço privilegiado para o desenvolvimento dessas iniciativas.[6]

É nesse cenário que se insere o projeto de extensão "Exploradores da Saúde: Educação em Saúde sobre o Câncer Infantil", desenvolvido por acadêmicos de Medicina e Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCM-MG) na Fundação Sara, em Belo Horizonte. A atuação conjunta entre Medicina e Psicologia, ao articular o conhecimento biomédico e o olhar sobre os aspectos emocionais do adoecimento, enriquece a abordagem lúdica na oncologia pediátrica e fortalece o caráter interdisciplinar da extensão. O presente trabalho relata a experiência desses estudantes na condução de ações educativas sobre fisiopatologia do câncer, intervenções terapêuticas e autocuidado para crianças em tratamento oncológico e seus familiares, descrevendo as estratégias utilizadas, os resultados observados e as reflexões decorrentes dessa vivência. Além da oferta de informações em saúde, as atividades buscaram promover espaços de diálogo, nos quais crianças, familiares e acadêmicos compartilharam experiências, dúvidas e percepções sobre o processo de adoecimento e tratamento, favorecendo a construção coletiva do conhecimento.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O projeto "Exploradores da Saúde" foi realizado no segundo semestre de 2025, de agosto a dezembro, por meio de vinte encontros presenciais realizados às sextas-feiras na Fundação Sara – instituição filantrópica dedicada ao acolhimento de crianças e adolescentes com diagnóstico confirmado ou hipótese diagnóstica de câncer, localizada no bairro Cidade Jardim, em Belo Horizonte (MG). As ações contaram com a participação de dez estudantes de Medicina e Psicologia da FCM-MG, sob orientação docente, com carga horária de seis horas por encontro, totalizando 120 horas de atividade extensionista.

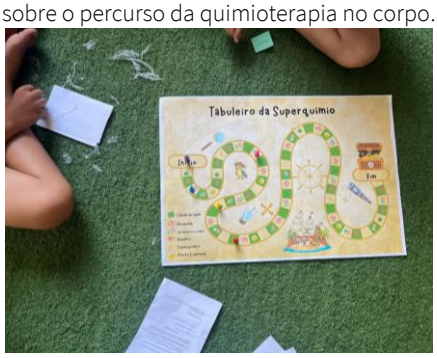
O público-alvo foi composto por crianças de 5 a 12 anos, majoritariamente pertencentes a classes sociais economicamente vulneráveis, com acesso limitado à informação em saúde, estimando-se o benefício direto de 20 a 30 crianças ao longo do projeto. As ações foram estruturadas em cinco eixos temáticos mensais, cada um desenvolvido em quatro encontros semanais, com metodologias lúdicas sensíveis à linguagem infantil e à realidade emocional do público. Embora cada eixo tivesse objetivos previamente definidos, as atividades foram continuamente ajustadas a partir de dúvidas, interesses e experiências compartilhadas pelas crianças e seus familiares, permitindo que os conteúdos fossem construídos de forma dialógica e contextualizada à realidade do grupo.

Eixo 1 – Missão Célula (agosto): O primeiro eixo temático introduziu o conceito de câncer por meio de quatro encontros progressivos. A abertura do projeto consistiu em uma apresentação teatral com fantoches, na qual células tumorais eram personificadas como vilãs que "escapavam das regras do corpo", facilitando a compreensão do desequilíbrio celular pela criança de forma lúdica e não ameaçadora. No segundo encontro, realizou-se uma oficina artística de pintura e colagem que explorou o contraste entre células saudáveis e alteradas. O terceiro encontro propôs a montagem interativa de um corpo humano simbólico, permitindo a associação entre órgãos e

funções. O eixo foi encerrado com um momento de diálogo que avaliou a absorção dos conteúdos e identificou dúvidas remanescentes.

Eixo 2 – Missão Explorador Dourado (setembro): O segundo eixo focou na compreensão da quimioterapia e na elaboração emocional do tratamento. O jogo "Tabuleiro da Superquimio" representou a jornada terapêutica por meio de um percurso interativo com desafios, "superpoderes" e obstáculos que simulavam efeitos colaterais, jogado em pequenos grupos com mediação dos acadêmicos. A oficina "Sentimentos em Tratamento" utilizou emojis e figuras para que as crianças representassem suas emoções em relação ao tratamento, criando espaço seguro para a expressão afetiva. A criação do "Diário Dourado" dividido em seções como "Meu Corpo Hoje", "Como Me Sinto?" e "O que eu gostaria que os adultos soubessem?" ofereceu um instrumento de registro longitudinal de percepções e sentimentos. O eixo foi encerrado com uma dramatização teatral protagonizada pelos próprios acadêmicos, na qual os personagens "Superquimio", "Célula do Bem" e "Célula do Mal" explicaram o mecanismo de ação do tratamento de forma acessível.

Figura 1. Jogo "Tabuleiro da Superquimio", atividade do eixo "Missão Explorador Dourado" sobre o percurso da quimioterapia no corpo.



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Eixo 3 – Missão Rosa (outubro): O terceiro eixo promoveu a construção coletiva de conhecimento entre crianças e suas mães ou cuidadoras, com foco no câncer de mama e no autocuidado feminino. O "Bingo do Cuidado" associou práticas saudáveis a imagens acessíveis, favorecendo a aprendizagem lúdica em duplas (criança e cuidadora). Uma oficina de produção de cartões afetivos fortaleceu os vínculos emocionais e promoveu o diálogo sobre autocuidado e apoio mútuo. Uma roda de conversa interativa posicionou as próprias crianças como mediadoras do conhecimento adquirido, exercitando o protagonismo infantil. Durante essa atividade, os relatos das mães e cuidadoras sobre suas vivências ampliaram as discussões e trouxeram novas perspectivas sobre o processo de cuidado, contribuindo para que os acadêmicos refletissem criticamente sobre as estratégias educativas desenvolvidas. O eixo foi encerrado com uma oficina de customização de camisetas seguida do "Desfile do Cuidado" e da entrega de Kits Rosa compostos por folder informativo, item simbólico de autocuidado e laço rosa. Considerando a faixa etária de 5 a 12 anos, o câncer de mama foi abordado em linguagem adaptada e sem enfoque em detalhes clínicos: o tema foi apresentado a partir da ideia de cuidar do corpo e de si mesmo, da importância de consultas e hábitos saudáveis e do apoio entre familiares, com o apoio de imagens e jogos que associavam o cuidado a situações do cotidiano.

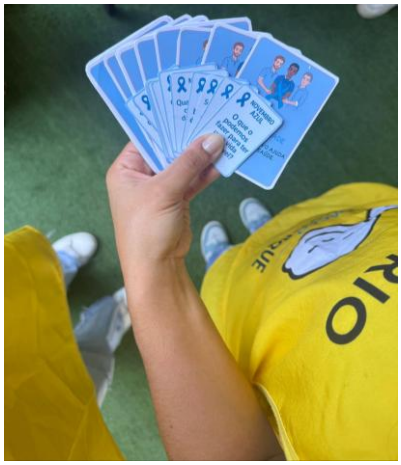
Figura 2. Confecção de camisetas pelas crianças e suas cuidadoras, atividade de encerramento do eixo "Missão Rosa".



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Eixo 4 – Missão Azul (novembro): O quarto eixo abordou a saúde do homem e a prevenção do câncer de próstata, promovendo o diálogo intergeracional entre crianças e seus pais ou responsáveis masculinos. O quiz "Mito ou Verdade?" estimulou a reflexão sobre práticas preventivas e a desconstrução de tabus. A "Corrente Azul do Amor" consistiu na escrita coletiva de mensagens de apoio e compromisso com o autocuidado que, ao serem interligadas, formaram uma corrente simbólica exposta na instituição. A confecção conjunta de cartazes sobre hábitos saudáveis e a exposição dos materiais produzidos, acompanhada da entrega de broches azuis confeccionados pelas crianças, reafirmaram a participação ativa do público infantil no processo educativo. Respeitando a faixa etária abordada, o câncer de próstata foi apresentado de forma simples, como um assunto de cuidado com a saúde do homem, enfatizando a importância de consultas médicas regulares, de hábitos saudáveis e do diálogo em família, sem aprofundamento em aspectos clínicos ou exames.

Figura 2. Oficina "Mito ou Verdade?" com cartas educativas sobre saúde masculina, atividade do eixo "Missão Azul".



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Eixo 5 – Missão Final: Heróis do Saber em Saúde (dezembro): O último eixo foi dedicado à sistematização dos aprendizados e à celebração da trajetória construída. A produção de um mural coletivo por meio de desenhos e colagens representando os conhecimentos adquiridos serviu tanto como instrumento avaliativo quanto como símbolo do percurso percorrido. Uma roda de partilha permitiu que as crianças expressassem livremente o que aprenderam e como se sentiram ao longo do projeto. A cerimônia de encerramento, com entrega de diplomas de "Herói do Saber em Saúde" e exposição do mural, proporcionou um momento de reconhecimento e celebração da trajetória educativa construída.

Ao longo de todas as ações, os materiais foram selecionados de acordo com a faixa etária e as características do público, priorizando recursos acessíveis e atrativos, como fantoches, tabuleiros, cartazes ilustrados e materiais de papelaria. A avaliação foi contínua, realizada por meio de diários de campo e registros reflexivos individuais dos acadêmicos, preenchidos ao final de cada encontro, nos quais foram anotadas as percepções da equipe, as interações observadas e os ajustes necessários, além da análise qualitativa dos materiais produzidos pelas crianças.

O engajamento observado ao longo dos encontros foi progressivo. Nas primeiras semanas, observou-se predominância de respostas monossilábicas às perguntas dirigidas e recusa em participar de dinâmicas que exigiam exposição individual, como a fala em roda de conversa. Com o avanço das atividades, registrou-se aumento na frequência de perguntas formuladas espontaneamente pelas crianças sobre o próprio tratamento, maior disposição para assumir papéis de protagonismo nas dramatizações teatrais. A expressão de conteúdos emocionais associados ao adoecimento, anteriormente evitados ou verbalizados apenas quando questionados diretamente, passou a ocorrer de forma não solicitada em momentos como as rodas de conversa e as oficinas artísticas, o que sugere o estabelecimento progressivo de um vínculo de confiança entre as crianças e os acadêmicos. Da mesma forma, as atividades foram sendo continuamente ajustadas a partir das

observações realizadas pelos extensionistas e das contribuições espontaneamente apresentadas pelas crianças e familiares, favorecendo um processo educativo mais participativo, contextualizado e coerente com os princípios da extensão universitária.

REFLEXÕES TEÓRICAS

A experiência vivenciada no projeto "Exploradores da Saúde" dialoga diretamente com a literatura que aponta o lúdico como instrumento privilegiado de educação em saúde na oncologia pediátrica. Perasso et al. destacam que abordagens baseadas no brincar vão além do entretenimento, constituindo estratégias de suporte psicossocial que favorecem a elaboração emocional, o desenvolvimento de recursos internos de enfrentamento e a humanização do cuidado em contextos oncológicos pediátricos. Ao utilizar jogos, teatro e expressão artística como mediadores do aprendizado, o projeto operou uma inversão significativa na relação da criança com o tratamento, transformando a passividade em protagonismo.[5,13]

Essa perspectiva é respaldada pelo estudo de Souza et al.,[7] que identificou que crianças hospitalizadas percebem o tratamento oncológico de forma mais positiva quando têm acesso a estratégias que promovem compreensão e controle sobre o que vivenciam. A informação adaptada à linguagem infantil, longe de ser simplificação, constitui um direito da criança com câncer,[8] na medida em que amplia sua capacidade de participar ativamente das decisões sobre seu cuidado e de lidar emocionalmente com a doença.

A estrutura em eixos temáticos progressivos permitiu que cada novo conteúdo fosse construído sobre bases já consolidadas, respeitando o ritmo cognitivo e emocional das crianças. Santana et al.[9] apontam que a extensão universitária, quando estruturada como prática educativa, favorece a incorporação de saberes de forma orgânica e contextualizada, articulando a formação profissional com a promoção da saúde a partir da realidade vivida pelas comunidades atendidas. A inclusão dos familiares em três dos cinco eixos temáticos ampliou o alcance educativo do projeto, reconhecendo que o enfrentamento do câncer infantil é sempre uma experiência coletiva, que envolve toda a rede de cuidado da criança.

Do ponto de vista da formação dos acadêmicos, a imersão na realidade da Fundação Sara representou uma experiência de aprendizado que extrapola os limites do currículo formal. O contato com crianças em situação de vulnerabilidade física e emocional exigiu o desenvolvimento de habilidades de comunicação empática, escuta ativa e adaptação constante das estratégias planejadas à realidade do encontro. Conforme aponta Haugen et al.,[10] a educação de famílias de crianças com câncer requer competências comunicativas específicas que raramente são desenvolvidas no contexto tradicional de ensino médico, tornando as atividades de extensão espaços insubstituíveis para essa formação. Além disso, a experiência extensionista possibilitou articular os conhecimentos científicos discutidos durante a formação acadêmica com as demandas concretas da comunidade, favorecendo um processo formativo pautado na integração entre ensino, produção de conhecimento e extensão.

A articulação entre Medicina e Psicologia no desenvolvimento das ações evidenciou, na prática, a necessidade de uma abordagem interprofissional no cuidado oncológico pediátrico. A complexidade das demandas emocionais das crianças e familiares transcende os limites de qualquer disciplina isolada, e a colaboração entre diferentes áreas do conhecimento permitiu respostas mais abrangentes e sensíveis às necessidades do público atendido. Topperzer et al.[11]

demonstraram que estratégias de aprendizado interprofissional baseadas em casos reais no contexto do câncer infantil são factíveis e promovem ganhos significativos no conhecimento e nas atitudes dos profissionais envolvidos, reforçando o valor da extensão universitária como campo privilegiado para essa formação.[11,14]

A avaliação contínua por meio de registros reflexivos e observação das interações permitiu identificar que as atividades lúdicas geraram, progressivamente, uma maior disposição das crianças para falar sobre a doença, os tratamentos e os sentimentos associados. O brincar criou um espaço seguro para a expressão de emoções que, no contexto clínico convencional, frequentemente permanecem suprimidas. Rosa et al.[12] identificaram que intervenções lúdicas junto a pacientes oncológicos pediátricos durante procedimentos hospitalares promovem bem-estar subjetivo, reduzem o estresse e facilitam a expressão emocional, resultados que convergem com os observados ao longo do projeto e reforçam o potencial dessas estratégias na humanização do cuidado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto "Exploradores da Saúde" evidenciou que estratégias lúdicas e multidisciplinares constituem ferramentas potentes de educação em saúde na oncologia pediátrica. A tradução de conteúdos técnicos para uma linguagem acessível ao público infantil não apenas melhorou a compreensão das crianças sobre sua condição de saúde, mas também promoveu o protagonismo infantil, fortaleceu vínculos afetivos entre crianças e familiares e contribuiu para a humanização do cuidado na Fundação Sara.

Para os acadêmicos envolvidos, a experiência representou uma formação que vai além do conhecimento técnico-científico, aprimorando competências essenciais ao exercício humanizado das profissões de saúde: empatia, escuta ativa, adaptação às necessidades do outro e capacidade de trabalho interprofissional. A extensão universitária, ao integrar ensino e responsabilidade social, demonstrou ser espaço insubstituível para o desenvolvimento dessas habilidades.

Este relato apresenta limitações inerentes à sua natureza qualitativa. A avaliação das ações baseou-se em registros reflexivos dos acadêmicos e na observação das interações, sem instrumentos padronizados de mensuração, o que restringe a possibilidade de generalização dos achados. Além disso, a rotatividade das crianças entre os encontros, decorrente da própria dinâmica do tratamento oncológico, representou um desafio à continuidade pedagógica. Recomenda-se que experiências futuras incorporem instrumentos validados de avaliação, permitindo análises mais sistemáticas do impacto das intervenções.

Os resultados observados sugerem que intervenções educativas com base lúdica têm potencial de impacto não apenas no bem-estar imediato das crianças, mas também na adesão ao tratamento, no fortalecimento do vínculo terapêutico e na redução da ansiedade de pacientes e familiares.[15] Recomenda-se a continuidade e a expansão de projetos com esse perfil, bem como o desenvolvimento de estudos que avaliem sistematicamente seus efeitos a longo prazo.

Conclui-se que o projeto cumpriu seu papel social ao promover acesso à informação em saúde de qualidade para um público em situação de vulnerabilidade, contribuindo para a formação de profissionais de saúde eticamente comprometidos com a transformação social e para o fortalecimento dos vínculos entre a universidade e a comunidade. Além disso, a experiência reafirma a extensão universitária como espaço de construção compartilhada do conhecimento, no qual a

interação entre universidade e comunidade favorece o aprendizado recíproco e o desenvolvimento de ações mais contextualizadas às necessidades do território e da população atendida.

REFERÊNCIAS

1. INCA. Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil [Internet]. INCA - Instituto Nacional de Câncer. 2023 [cited 2026 July 16]. Available from: https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/estimativa-2023-incidencia-de-cancer-no-brasil
2. Perosa GB, Padovani FHP, Lopes GC. Compreensão sobre o adoecimento e o tratamento quimioterápico de crianças com câncer. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [Internet]. 2023 Sept 4 [cited 2026 July 16]; 27:e230028. Available from: https://www.scielosp.org/article/icse/2023.v27/e230028/
3. Hockenberry M, Haugen M, Slaven A, Skeens M, Patton L, Montgomery K, et al. Pediatric Education Discharge Support Strategies for Newly Diagnosed Children With Cancer. Cancer Nursing. 2021 Mar 27;Publish Ahead of Print.
4. Levine DR, Liederbach E, Johnson LM, Kaye EC, Spraker-Perlman H, Mandrell B, et al. Are we meeting the informational needs of cancer patients and families? Perception of physician communication in pediatric oncology. Cancer. 2019 Jan 2;125(9):1518–26.
5. Perasso GL, Romeo A, Coccia G, Palego L, Mendiola ER. Fostering the psychological wellbeing of children diagnosed with cancer: multidisciplinary insights in pediatric oncology. Front Psychol. 2025;16:1495598. Available from: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11814435/
6. Política Nacional de Extensão Universitária [Internet]. [cited 2026 July 16]. Available from: https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf
7. Souza RLA, Mutti CF, Santos RP, Oliveira DC, Okido ACC, Jantsch LB, et al. A hospitalização na percepção de crianças e adolescentes em tratamento oncológico. Rev Gaúcha Enferm. 2021;42:e20200122. Available from: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200122.
8. Sisk BA, Bluebond-Langner M, Wiener L, Mack J, Wolfe J. Prognostic disclosures to children: a historical perspective. Pediatrics. 2016 Sep;138(3):e20161278. Available from: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC5005028.
9. Santana RR, Santana CC de AP, Costa Neto SB da, Oliveira ÊC de. Extensão Universitária como Prática Educativa na Promoção da Saúde. Educação & Realidade [Internet]. 2021 June 9 [cited 2026 July 16];46. Available from: https://www.scielo.br/j/edreal/a/qX3KBJghtJpHQrDZzG4b8XB/
10. Haugen MS, Landier W, Mandrell BN, Sullivan J, Schwartz C, Skeens MA, et al. Educating Families of Children Newly Diagnosed With Cancer: Insights of a Delphi Panel of Expert Clinicians From the Children's Oncology Group. Journal of Pediatric Oncology Nursing [Internet]. 2016 July 8 [cited 2026 July 16];33(6):405–13. Available from: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/pmc5138147/.
11. Topperzer MK, Hoffmann M, Larsen HB, Rosthøj S, Fridh MK, Roug LI, et al. Postgraduate Interprofessional Case-Based Learning in Childhood Cancer: A Feasibility Study. Cancers [Internet]. 2021 [cited 2026 July 16];13(17):4314. Available from: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34503122/
12. Rosa VM, Daudt F, Tonetto LM, Brust-Renck PG, Reed JP, Fogliatto FS. Playful interventions to promote the subjective wellbeing of pediatric cancer inpatients during laboratory and imaging exams: a qualitative study. Eur J Oncol Nurs. 2022 Feb;56:102094.
13. Tonetto LM, Rosa VM, Brust-Renck P, Denham M, Rosa PM, Zimring C, et al. Playful strategies to foster the well-being of pediatric cancer patients in the Brazilian Unified Health System: a design thinking approach. BMC Health Serv Res. 2021 [cited 2026 July 16];21(1):985. Available from: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34537025/.
14. Sulosaari V, Dodlek N, Brandl A, De Munter J, Eriksen JG, McInally W, et al. Interprofessional education in cancer care – a scoping review. BMC Medical Education. 2024 July 16;24(1).
15. Ayoub M, Udo C, Årestedt K, Kreicbergs U, Lövgren M. The family talk intervention in pediatric oncology: potential effects reported by parents. Children (Basel). 2024;11(1):95. Available from: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38255408/